POSTERS

Nelson Zagalo & Rui Prada (eds.)
Actas da Conferência ZON | Digital Games 2008
www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/zondgames08/
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Instituto de Ciências Sociais
Universidade do Minho
ISBN: 978-989-95500-2-5

O Brinquedo e a Imaginação Lúdica: Notas para Pensar a Comunicabilidade Estética da Criança

Prof. Ms. Alexandre Silva dos Santos Filho
Universidade Federal do Pará – Brasil – alexandrefilho@ua.pt
Prof. Dra M. Conceição O. Lopes
Universidade de Aveiro – Portugal – col@ua.pt

1 Apresentação

O brinquedo e a imaginação, um binômio estético, sugerem uma inteligente significação. Quem saberia interpretá-lo? Este par conceitual tende a contrariar o pensar "homogêneo". Então, é considerável repensar em que consiste a conexão entre brinquedo e imaginação. Há quem possa suscitar que a produção técnica de brinquedos é a única possibilidade para existi-los, sem atentar para o fato de que o brinquedo pertence à condição humana e constitui dois modos: lógico e estético. A capacidade de pensar vai além da técnica, principia-se com a estética.

2 Imaginação Lúdica e Comunicabilidade Estética

Observando crianças a brincar, geralmente, pensa-se que é o artefato que produz o efeito libertador da sua imaginação. Mas a criança ao brincar está livre de qualquer coação externa e é simplesmente a imaginação que se manifesta naquele ato. A imaginação é a faculdade de ter intuições sem a presença do objeto, este se representa na mente e causa impressão de algo ausente. Sendo subjetiva, a imaginação lúdica, constitui uma representação de natureza estética [4] e [7]. É um dos conteúdos do brinquedo e não o inverso [5].

A imaginação lúdica atrelada à comunicabilidade estética reúne condições para a receptividade: deve existir entretenimento livre e *sensus communis* [4]. A comunicabilidade estética ocorre da comunidade partilhada dos sentidos descobertos pela imaginação lúdica de uma criança com a outra. Por isso, o brincar é socialmente ativo. A imaginação lúdica é conseqüência do contato social e sensorial da criança com o brinquedo não imediato, mas mediado. O sentimento de prazer deriva dessa interação, partilhado, subjetivamente comunicável.

3 O “Erro”

Tese: existe uma atitude adulta de preparar tudo para as crianças.

Implicações: fornecer às crianças artefatos lúdicos prontos;

Advertência de Benjamin: é um “erro”.

Constituição do “Erro”: ver a brincadeira excessivamente sob o ponto de vista do adulto; pensar o brinquedo demasiadamente como produção de artefato lúdico para a criança; a sociedade está impregnada com a idéia de produzir artefatos lúdicos, impede a imaginação lúdica e se mantém ocupada nisso; pressupor que é o brinquedo que determina o brincar da criança [2].

Não esquecer: meninos e meninas transformam as coisas em brinquedos sem precisarem dos adultos, já que exercem a sua imaginação sobre os objetos em geral; existe um esforço despendido pelos idealizadores de brinquedos em formular, toda uma situação lúdica para inculcar brinquedos na infância; o brinquedo é visto como mercadoria; o brinquedo é um meio de comunicação; a criança dá a ele conteúdo na brincadeira, cria uma intencionalidade e o faz existir no brincar [5]. Não pode haver brinquedo na concepção da criança sem que esteja inserido na brincadeira, mas pode existir brinquedo sem criança e também sem brincadeira.

4 Tudo pronto é só Brincar

A padronização é uma prática muito recorrente na sociedade. Até os valores culturais livres estão subordinados. Isso é denominado por Adorno de “tudo pronto”: o já pensado, o decidido e julgado [6]. O formato é dado por meio de imagens pré-censuradas, uma estratégia para o consumo de produtos visuais, caracteristicamente, como a capacidade do reconhecimento [1].

A experiência do reconhecimento modela a padronização [1]:

1. Vaga recordação – súbita lembrança;

2. Identificação efetiva – uma lembrança familiar na consciência;

3. Subsunção por rotulação – age-se de acordo com um padrão;

4. Auto-reflexão no ato de reconhecer – repetição contínua do padrão;

5. Transferência psicológica – a vontade de ser dono do produto.

Enquanto “produto pronto”, no mercado de usuários, as imagens programadas articulam idéias na “estética” do agradável e funcional. Inaugura-se uma produção codificada no estereótipo de baixo coeficiente de realização estética e engessa a comunicabilidade desde a infância. Trata-se da síntese da capacidade de imaginar dos consumidores que se deixam ser tomados pelo conceito operacional dos fabricantes de imagens [3]. Disso os brinquedos também não escapam.

5 Comentários Finais

- A concepção adulta deve respeitar a condição de ser da criança;

- As formas simbólicas em sintonia com a comunicabilidade estética na infância propiciam autonomia;

- O brinquedo é um artefato simbólico importante na participação da vida da criança;

- A estética e a criatividade fazem parte das transformações nos modos de produção, mas não devem causar sofrimentos às crianças com a subsunção dos efeitos das mídias;

- Os artefatos racionalizadores e instrumentalizadores são causas que impedem a criticidade humana;

- As imagens pré-censuradas rejeitam o pensamento autónomo e em silêncio, abafam as vozes e emperram os sentidos daqueles que desejam se comunicar de modo livre e universalmente.

Referências

[2]

1.Adorno, T. O fetichismo na música e a regressão da audição. Trad. Luiz João Baraúna. In: theodor w. Adorno – textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, (1994)

2.Benjamin, W. História cultural do brinquedo. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, (1994)

3. Duarte, R. Esquema e forma. Percepção e experiência na teoria estética de Theodor Adorno. In: Duarte, R. Et all. (org.) Theoria aesthetica: em comemoração ao centenário de Theodor W. Adorno. Porto Alegre: Escritos, (2005)

4.Kant, I. De la imaginación. In: Kant, I. Antropologia: em sentido pragmático . Traducción José Gaos. Madrid: Revista de Occidente, (1935)

5. Lopes, M.C. O brinquedo como médium de comunicação. In: Tavares, J. Para intervir em educação: contributos dos Colóquios CIDInE. Aveiro: CIDInE, (1994)

[3]

6.Adorno, t. & Horkheimer, m. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de janeiro: Jorge Zahar, (1985)

7. Kant, I. Crítica da faculdade do juízo. Trad. Valério Rohden e António Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, (2005)